SIGA A RUSGA

- Ao Encontro das Rusgas -

O PROJETO...

SIGA A RUSGA foi um projeto de criação artística para a noite das rusgas no Porto desenvolvido no âmbito do Programa Porto 2.0. A sua conceção esteve a cargo de 4 companhias de artes performativas da cidade do Porto: Pele (caracterizada pelo trabalho com a comunidade); Teatro do Frio (caracterizado pelo trabalho de teatro físico e com objetos); Radar 360º (teatro de rua) e Erva Daninha (artes circenses).
O projeto foi desenvolvido em 3 vetores:

1 – Dinamização do espaço envolvente ao desfile das Rusgas através de intervenções performáticas e plásticas paralelas ao desfile recuperando e reinventando algumas das referências tradicionais sanjoaninas.
Estas intervenções foram projetadas com algumas instituições do Centro Histórico e comerciantes e moradores da área correspondente ao percurso. Ao nosso apelo deram resposta o Centro Social de Miragaia, a EB1 Carlos Alberto, a Spot - Associação Cultural, a Associação das Colectividades do Porto e o Festival de Marionetas do Porto.

2 – Criação de uma rusga extra-concurso constituída por elementos das companhias envolvidas e elementos da população que participaram de uma ação de formação de teatro de rua e artes circences, desenvolvida até à data do desfile.
A participação neste projeto estava aberta a pessoas de todas as idades, com a única condição não terem participado em nenhuma rusga oficial nos últimos 3 anos, uma vez que a ideia não seria nunca fazer concorrência com as rusgas a concurso.

3 – Disponibilização de um banco de 60h de apoio técnico e artístico às colectividades participantes nas diferentes rusgas, de acordo com as valências e competências dos elementos envolvidos no projeto. Das 16 Freguesias, só a Junta de Freguesia da Vitória, pediu e utilizou 6h, do banco de horas de

apoio ás Rusgas oficiais, como consultadoria de figurinos e guarda-roupa.

À DESCOBERTA...

Assumido o desafio de fazer uma intervenção artística com a comunidade residente no centro histórico do Porto – local da intervenção - a equipa partiu à procura das tradições e rituais associados às Festas Populares que se vivem um pouco por todo o país, dando enfoque à comunidade tripeira que há muito festeja o São João, sendo as suas comemorações postais vivos da cidade e das suas gentes.

Fomos percebendo que aquilo a que hoje, ano de 2012, se chamam „Rusgas“ no Porto em Lisboa são chamadas de „Marchas“, que no Porto só nos últimos anos se veio a estruturar como Desfile de Freguesias, para a avaliação de um júri, um pouco como se faz na Capital do país. Embora desde sempre estes cortejos tenham tido índoles diferentes nas duas cidades, Lisboa, com mais capital, desde cedo se engalanou e preparou para se exibir. No Porto cidade mais rural, com as suas gentes vindas das aldeias e das montanhas à volta da cidade, desde sempre procurou manter a raiz. E estes momentos ritualistas/performativos/comunitários serviam para manter vivas as tradições e promover o encontro entre as gentes.

Durante o Estado Novo, quando os ajuntamentos de pessoas foram proibidos e até a fé dos Portugueses foi controlada, as festividades populares da fé puderam continuar a acontecer, mas com regras e normas estabelecidas. Os grupos de pessoas teriam que se organizar por bairros e assim nascem as „Marchas“ e as „Rusgas“ de uma forma estruturada, muito próxima da forma como comemoramos, reproduzimos e recriamos nos dias de hoje estes desfiles.

Desfiles que na sua génese não eram mais que ajuntamentos de pessoas, que se encontravam para comemorar o Santo: a) grupos de amigos fazendo correntes de mãos dadas para não se perderem nos bailaricos, podendo aumentar ou diminuir o nº de pessoas durante a noite. b) conjunto musical entre a tocata do rancho e uma free jazz band, pelo seu caráter de improviso onde quem chega pode juntar-se a tocar. c) grupos de rapazes iam em bando „assaltar“ as raparigas, pelos bailaricos dos bairros da cidade, pois estas não saiam da beira de seus pais.

A palavra „Rusga“ ainda hoje, no dicionário de Língua Portuguesa, tem caráter de inesperado, espontâneo, algo que surge sem se estar a contar e revira tudo, ora pense-se na rusga policial. O que seria se os ladrões soubessem que a policia apareceria?

Ao falarmos e ouvirmos as gentes do grupo com que começávamos a trabalhar, descobrimos que muitos não sabiam quem era este São João que se comemorava no Porto, nem qual o significado de todos os rituais que lhe estão associados. Fomos atrás da História e

começamo-nos a cruzar com personagens Bíblicas, e rituais pagãos.

São João e a sua História

São João Batista é considerado o pela Igreja Católica o Santo Precursor pois, segundo a lenda, São João vem ao mundo para preparar a vinda de Cristo, começando por realizar os primeiros Batismos nas margens do Jordão.

São João Batista é filho de Zacarias e Isabel, prima de Maria (mãe de Jesus), que queria muito ter um filho e não engravidava. Zacarias tem a visão de um anjo dizendo-lhe que os seus desejos se realizariam, mas não poderiam contar nada a ninguém antes de a criança nascer. Assim sendo Isabel retirou-se para a Montanha e quando João nasceu acendeu uma Fogueira para anunciar o seu nascimento.
Será ainda necessário acrescentar sobre este São João que é o mesmo que perdeu a cabeça por falar sempre a verdade e denunciar o adultério da mãe de Salomé.

A tradição pagã

A noite de São João acontece no solstício de verão - a noite mais pequena do ano - comemorada por muitas culturas há milhares de anos.

Esta noite especial, comemorada pelo povo com a FESTA, é a noite em que, segundo a tradição, os 4 elementos estão juntos para celebrar o Verão/abundância – a exaltação da vida - através dos elementos da Natureza:

Fogo: sol - Força maior da vida na Terra. As fogueiras que se acendem nessa noite representam o sol na terra - assim como os balões são joaninos são representações da esfera celeste que, nessa noite, segundo o povo, não dorme. O povo salta as Fogueiras para queimar os males e abrir espaço para o novo. Os balões são lançados num acto simbólico para que, a arder nos céus, as estrela nunca parem de brilhar e a sonho possa sempre acontecer.

Água: Segundo a tradição, a água, nesta noite não tem tempo de adormecer, trazendo benefícios para a saúde e bênçãos para o Amor. As orvalhadas são bom exemplo disso: molham os campos tornando a terra húmida, logo mais fértil. Os Banhos, que se tomam no rio e no mar, rejuvenescem e dão são saúde.

Terra: é o elemento estável e transformador: o que recebe a semente e a transforma em

planta, que recebe o corpo e o transforma em vida. Diz-se que as ervas aromáticas colhidas nessa madrugada, depois de receberem o orvalho da manhã, têm benefícios extra para a saúde. Desta crença nasce a tradição de fazer colher e fazer ramos durante a noite para depois as guardar e usar durante o ano. Também o alho-porro utilizado para a brincadeira entre os foliões, surge desse ritual performativo de purificação. Hoje em dia todos conhecem os seus benefícios para a circulação sanguínea. Mas na idade Média apenas se sabia que purgava e limpava o corpo. Por seu lado, o Manjerico é uma planta originária das Índias, que chegou à Europa após as Descobertas de Vasco da Gama. Tradicionalmente usado na Índia como planta de alcova, servia para perfumar o corpo para receber o amante em noites românticas. Completamente integrado na nossa cultura, 500 anos depois, continuamos a oferecer às pessoas de quem gostamos nos dias de hoje, com os dizeres em formato de quadra, bem ao jeito popular.

Ar: a ligação, o elemento que liga todos os outros e promove o encontro e união de todos. A brisa que sopra pela cidade do Porto é exemplo disso, empurrando os corpos suados uns contra os outros, de bailarico em bailarico, pelas margens do Douro, de bairro em bairro, de comunidade em comunidade, de costume a costume. É pelo ar que voam os sonhos dos foliões representados pelos balões são joaninos.

E esta noite, dedicada pelo Cristianismo a São João Batista, comemorada nas datas correspondentes ao solstício de Verão por várias culturas do mundo é a maior festa do Porto e uma das maiores do país.

A CRIAÇÃO...

Com todas estas ligações, imagens e ideias em aberto, iniciámos o trabalho com as pessoas da comunidade tripeira que desafiámos a juntar-se ao projecto. Pessoas entre os 7 anos e os 77 de idade que vieram do centro histórico, mas também de bairros da periferia, e de Centros de Acolhimento Juvenil para fazer aulas de Malabarismo e Artes de Rua.
A Lurdes, de 77 anos, trocou as aulas de hidro-ginástica pelas sessões de trabalho: nos nossos ensaios „fazia ginástica na mesma“, como ela dizia, e estava a fazer coisas que nunca pensou, como: „Atirar bolas ao ar“.

As sessões de trabalho tinham uma componente formativa que envolvia a utilização de técnicas de malabarismo, ritmo, corporalidade, espacialidade e trabalho de grupo. Por outro lado, mantinham espaço aberto para a discussão e troca de ideias, confrontando a pesquisa

com os conhecimentos e vivência sanjoanina dos participantes. O objectivo era criar um acto performativo que não desvirtuasse e, pelo contrário, renovasse os actos rituais associados a estas comemorações.

No final das primeiras 4 sessões chegámos ao conceito agregador que serviu de base à nossa participação no desfile das Rusgas de 2012: FESTA – Êxtase da Utopia, ou seja, exaltação do sonho, das possibilidades, das transformações, do renascimento.

Era agora necessário encontrar, dentro do conceito de Festa, os elementos em torno dos quais haveríamos de desenvolver o nosso acto performativo. Pegando nos factores mais realçados pelo grupo chegámos a 3 vectores fundamentais:

1. O Pão/Casa – as necessidades básicas do corpo e conforto do lar
2. O Amor/As emoções/O encontro
3. Capacidade de Transformação/ Exaltação do poder renovador da natureza

Com base nestes vectores criámos conjuntos escultóricos, imagens fotográficas através de representações corporais, que surgiam ao longo do desfile de forma mais ou menos espontânea e dando corpo à ideia latente de transformação.
Seguindo essa mesma lógica de enfatizar a transformação, assumimos a opção de recorrer a um número reduzido de objectos simples (cuja simbologia estivesse, de algum modo, associada ao que pesquisámos) e que, através da manipulação dos intérpretes, pudessem dar leituras diferentes, servindo os propósitos das cenas a apresentar.
Desta forma chegámos aos seguintes objectos de trabalho:

Guarda-chuva – não estando diretamente ligado à simbologia sanjoanina, o guarda-chuva é um elemento que associamos à água (embora em outras épocas e culturas também se associe ao sol) e é um objecto que nos permite resguardar do excesso de água (ou sol), remetendo para a ideia de abrigo, conforto e segurança.
Cenicamente é um elemento interessante pois sendo extremamente portátil funciona também como prolongamento dos intérpretes ampliando a dimensão dos seus corpos (dois factores de extrema importância quando se trata de criação para a rua). A utilização de um grande número de guarda-chuvas permite criar uma unidade no grupo e também desenvolver jogos com base na ideia de encontro e relações amorosas.
Dependendo da forma como é utilizado, o guarda-chuva permite uma pluralidade de leituras, tendo sido utilizado na nossa performance como bengala, balão de S. João, mesa, grelhador, arco das marchas populares...

Sardinhas – imediatamente associadas às festas populares, as sardinhas não poderiam faltar

na nossa festa. Assim, com o cortejo, seguia um carro com um grelhador de sardinhas. Desta forma, se convocaram alguns elementos simbólicos, como o fogo, para dentro da nossa criação.
E, como não podia deixar de ser, sempre que havia sardinhas assadas, todo o desfile parava para oferecê-las ao público.

Pão – elemento básico da alimentação humana em quase todas as culturas no mundo, está ligado às festas de S. João através da história do S. João nas fontaínhas. Conta-se que, no tempo em que o S.João se comemorava sobretudo em Cedofeita, Bonfim e Lapa, um senhor nas fontaínhas começou a oferecer pão e café junto à fonte. Assim nasceu a tradição de descer até às fontaínhas no S. João.
Pelo seu formato, semelhante às argolas do malabarismo, a regueifa surgiu como o objecto ideal para aplicar o trabalho desenvolvido em técnicas de malabarismo. Assim, as sardinhas recém assadas eram „brindadas“ com uma coreografia circence de regueifas para, logo a seguir, pedaços de outras regueifas serem distribuídos com uma sardinha dentro ao público que estava a assistir.

Água – directamente associada a S. João, o Baptista, a água tem também toda a carga simbólica já referida anteriormente e, não podia, por isso, faltar no nosso desfile. E a técnica utilizada para cuspir fogo, formando gotículas mínimas com uma pequena quantidade de líquido, pareceu-nos o ideal para invocar as orvalhadas de S. João.
Formando dois grupos rivais (relembrando o tempo em que o S. João se dividia em três freguesias, sendo festejado em cada uma delas pelos diferentes partidários de uma posição política: absolutistas – no Bonfim, liberais – na Lapa, e republicanos - em Cedofeita) e utilizando os guarda-chuvas como escudo, surgia uma verdadeira batalha de orvalhadas.

Os figurinos que também são importante do ponto de vista do espectáculo, partiram da junção das cores dos 4 elementos, explorando os cortes do vestuário dos anos 60, momento em que as Rusgas/Marchas começam-se a estruturar como desfile.

Acima de tudo procurámos promover o encontro entre as pessoas e através da criação artística abordar conceitos experimentando e vivenciando, esse acto espontâneo chamado RUSGA e simplesmente deixa-lo acontecer, transcender-se do ritual para o performativo através da arte ou vice-versa.

O desfile ocorreu na noite de 30 de Junho de 2012.
Agradecemos a todos os que, de alguma forma, contribuíram para o projeto.
Noites como estas promovem a Utopia do encontro. Por isso são uma FESTA!

João Pedro Correia (PELE)

Rosário Costa (Teatro do Frio)